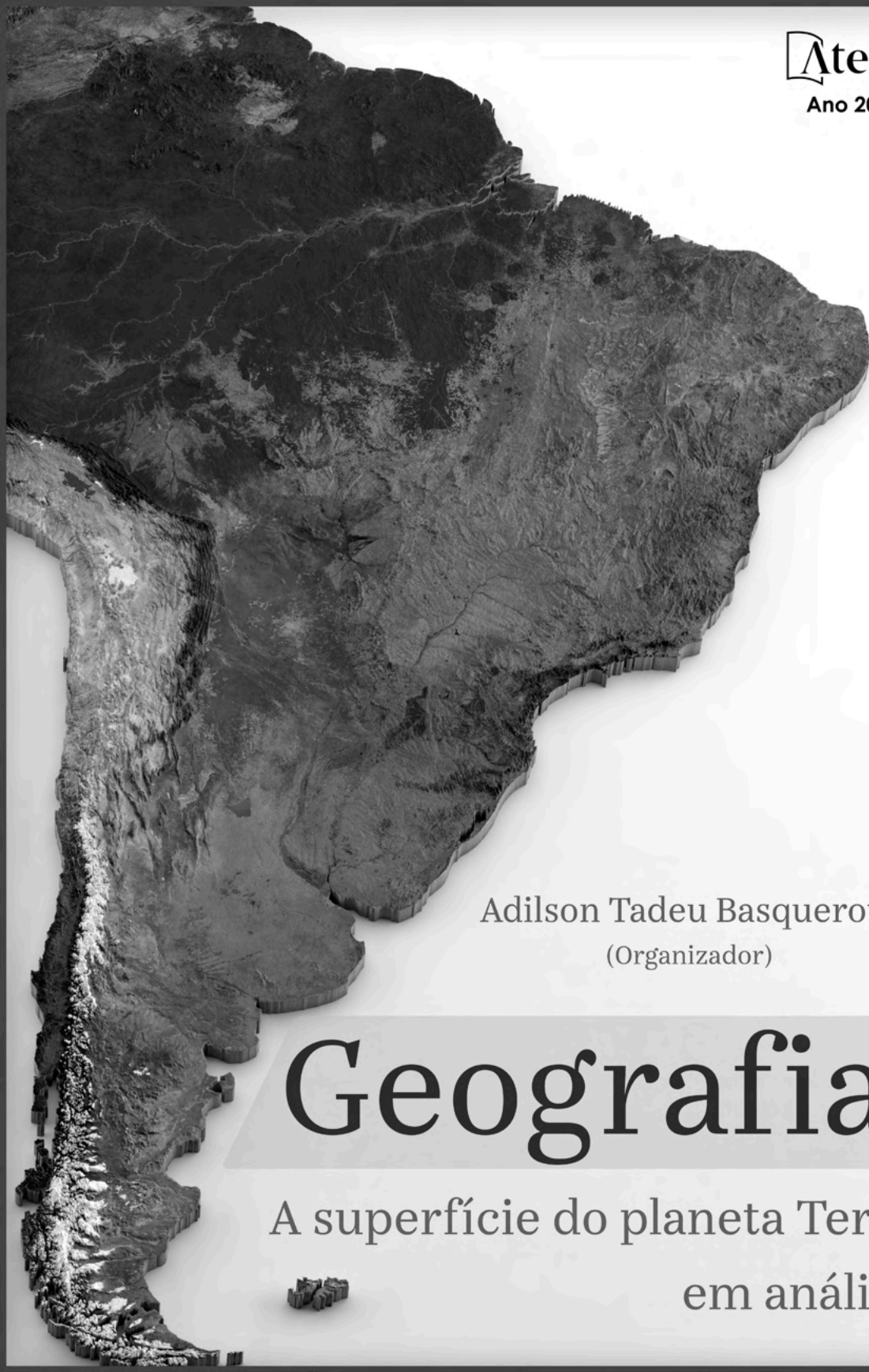
A 3D topographic map of South America, showing the continent's terrain with green for lowlands and brown/orange for highlands. The map is cut out from the top and right sides, revealing a white background. The Andes mountain range is visible in the south, with snow-capped peaks. The Amazon basin is shown in green in the north and west. The coastline is clearly defined.

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)

Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise



Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)

Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Geografia: a superfície do planeta Terra em análise

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: a superfície do planeta Terra em análise /
Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0504-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.047220509>

1. Geografia física da Terra. I. Basquerote, Adilson
Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 910.02

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra: **“Geografia: A superfície do planeta Terra em análise 2”**, apresenta pesquisas que se debruçam sobre a compreensão dos fenômenos naturais e sociais nas suas distintas dimensões tendo a natureza e as ações humanas como campo de estudo e reflexão. Composto por relevantes estudos que debatem temáticas que envolvem atualidades e que permitem olhares interdisciplinares sobre a Ciência Geográfica.

Partindo desse entendimento, o livro composto por dez capítulos, resultantes de estudos empíricos e teóricos, de distintos pesquisadores de instituições e regiões brasileiras e uma cubana, apresenta pesquisas que interrelacionam Ciências Humanas às pessoas e às relações sociais no centro da observação, da teoria, da pesquisa e do ensino. Entre os temas abordados, predominam análises sobre hidrografia, identidade territorial, Estudos do rural, Geotecnologias, ontologia, Bullying, relevo, categorias geográficas, entre outros.

Nessa perspectiva, o capítulo 1, **A configuração de novos espaços de identidade territorial em áreas rurais e insulares do município de Paranaguá-PR**, escrito por Helena Midori Kashiwagi, Luciane Godoy Bonafini, Cliciane de Souza Meduna, Eduardo Nizer dos Santos e Emanuelle Gonçalves França, investigou a partir da percepção Ambiental a configuração de novos espaços de identidade territorial decorrentes do isolamento geográfico em áreas rurais e insulares do município de Paranaguá, Estado do Paraná. O estudo realizado com crianças com idades entre 9 e 12 anos evidenciou que os novos espaços de identidade se constituem pela caracterização do mundo vivido de cada indivíduo e sua relação com a natureza. Os elementos sócio-culturais da paisagem retratados nas imagens mentais evidenciaram a resignificação da paisagem e da identidade do lugar.

O capítulo número 2, **Pescadores de Ubu e Parati: o lugar, o trabalho e suas histórias**, redigido por Josilene Cavalcante Corrêa, apresenta pesca artesanal realizada por uma comunidade sediada no litoral sul do Espírito Santo para recontar fatos relevantes de seu modo de trabalho na região tradicionalmente ocupada. Como resultado, há o desejo que a pesquisa contribua para o registro da história da comunidade no lugar, no sentido de propor políticas de desenvolvimento que considerem seu modo de vida à medida que empresas e a urbanidade avançam cada vez mais sobre seus espaços de trabalho.

Caracterização dos corpos ígneos da porção sudoeste do batólito Ipojuca-Atalaia, superterreno Pernambuco-Alagoas: uma abordagem através da reflectância espectral e dados aerogamaespectrométricos, escrito por Sanmy Silveira Lima e Gabriela Menezes Almeida é o terceiro texto da obra. Nele as autoras visaram delimitar e caracterizar os principais corpos ígneos e que compõem a porção sudoeste do Batólito Ipojuca-Atalaia. Como resultado, o estudo fornece bases sólidas para o aprimoramento dos dados relativos aos plútons da área estudada.

Com objetivo apresentar uma proposta metodológica para estabelecer uma

classificação automatizada do relevo em 3 níveis taxonômicos, em ambiente de SIG, com aplicação no Uruguai, o quarto capítulo, denominado: **Proposta de classificação do relevo utilizando processamento digital em SIG: aplicação no Uruguai**, é apresentado por Romario Trentin e Luis Eduardo de Souza Robaina. Nele, os autores concluíram que a utilização das geotecnologias como os Sistemas de Informações Geográficas e a representação da superfície terrestre na forma de modelos digitais numéricos ou de MDE é um recurso de grande potencial às análises e compreensão do relevo. Com as aplicações deste trabalho foi possível descrever de forma quantitativa o relevo.

No quinto capítulo, **Caracterização da bacia hidrográfica do rio Coruripe, a partir da geração de dados de sensores remotos com o uso de técnicas de geoprocessamento num ambiente de SIG**, Sandoval Dias Duarte, José Lidemberg de Sousa Lopes, Sávio Barbosa dos Santos e Anderson Leão Moura visam compreender como um ambiente georreferenciados num ambiente de SIG, pode ser monitorado e planejado suas atividades de uso e ocupação do solo. Como resultado, comprovou-se que a aplicação das técnicas de geoprocessamento num ambiente de SIG facilitou com rapidez e precisão o diagnóstico dos tipos de usos do solo, principalmente diante das principais atividades antrópicas que existem atualmente dentro dos limites da bacia.

No sexto capítulo, Armando Falcón-Méndez, Dailly Y. Borroto-Escuela, Ana Laura Acosta-Alonzo e Adilson Tadeu Basquerote apresentam a pesquisa: **Estado actual de la faja hidrorreguladora del río Jusepe, Yaguajay, Sancti Spiritus, Cuba**, que avaliou o estado atual do cinturão hidro regulador do rio Jusepe em seu curso permanente. O estudo apontou uma lista florística que totalizou 130 espécies pertencentes a 103 gêneros e 61 famílias botânicas, com um total de 47 espécies arbóreas e que sofre com a pressão da ocupação da área.

Já o capítulo sete, escrito por Anadelson Martins Virtuoso pretendeu realizar a identificação, a análise e a classificação da cobertura e uso da terra nas Áreas de Preservação Permanente, do rio Muriaé, no município de Campos dos Goytacazes, RJ, por meio da pesquisa: **Mapeamento da cobertura e uso da terra nas áreas de preservação permanente do rio Muriaé no município de Campos dos Goytacazes – RJ**. O estudo concluiu que há predominância do uso da terra para agricultura e pastagens, assim como a quase total ausência de matas ciliares.

O texto: **Geografia fenomenológica-hermenêutica: o resgate da investigação ontológica do espaço a partir do existencial “ser-em” de Martin Heidegger** é o oitavo capítulo. Nele, Luis Carlos Tosta dos Reis e Josimar Monteiro Santos buscam compatibilizar a investigação ontológica na Geografia com a analítica do ser-aí humano, através das diretrizes do método fenomenológico de investigação contidas em “Ser e Tempo”. O estudo apontou a necessidade de se divisar um campo efetivamente fenomenológico de investigação da ontologia do espaço na disciplina, que traduz o próprio sentido e a meta fundamental de uma Geografia em bases ontológico-existenciais a partir da fenomenologia-

hermenêutica de Heidegger.

No penúltimo capítulo, **Bullying: a violência especializada**, Milena dos Santos Pereira e Clayton Luiz da Silva pretendem conhecer o que é o bullying e como ocorre no ambiente escolar. Assim, concluíram ele pode causar sérias sequelas e até a morte, seja ela em casos de revoltas em escolas ou suicídio.

Por fim, o capítulo dez, **Riscos e perigos em praias de alta energia**, realizou uma revisão teórica acerca dos perigos e riscos presentes em praias de alta energia e que podem representar uma ameaça aos banhistas e frequentadores em geral. Nele os autores Jessyca dos Santos Araújo . André Luiz Carvalho da Silva e Leticia Fernandes Silva Alves apresentam os principais perigos e riscos de acordo com a literatura especializada.

Para mais, destacamos a importância da socialização dos temas apresentados, como forma de visibilizar os estudos realizados sob dissemelhantes perspectivas. Nesse sentido, a Editora Atena, se configura como uma instituição que possibilita a divulgação científica de forma qualificada e segura.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CONFIGURAÇÃO DE NOVOS ESPAÇOS DE IDENTIDADE TERRITORIAL EM ÁREAS RURAIS E INSULARES DO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ-PR


Helena Midori Kashiwagi
Luciane Godoy Bonafini
Clíciane de Souza Meduna
Eduardo Nizer dos Santos
Emanuelle Gonçalves França

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205091>

CAPÍTULO 2..... 16

PESCADORES DE UBU E PARATI: O LUGAR, O TRABALHO E SUAS HISTÓRIAS


Josilene Cavalcante Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205092>

CAPÍTULO 3..... 32

CARACTERIZAÇÃO DOS CORPOS ÍGNEOS DA PORÇÃO SUDOESTE DO BATÓLITO IPOJUCA-ATALAIA, SUPERTERRENO PERNAMBUCO-ALAGOAS: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA REFLECTÂNCIA ESPECTRAL E DADOS AEROGAMAESPECTROMÉTRICOS


Sanmy Silveira Lima
Gabriela Menezes Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205093>

CAPÍTULO 4..... 50

PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DO RELEVO UTILIZANDO PROCESSAMENTO DIGITAL EM SIG: APLICAÇÃO NO URUGUAI

Romario Trentin
Luis Eduardo de Souza Robaina

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205094>

CAPÍTULO 5..... 71

CARACTERIZAÇÃO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CORURUPE, A PARTIR DA GERAÇÃO DE DADOS DE SENSORES REMOTOS COM O USO DE TÉCNICAS DE GEOPROCESSAMENTO NUM AMBIENTE DE SIG

Sandoval Dias Duarte
José Lidemberg de Sousa Lopes
Sávio Barbosa dos Santos
Anderson Leão Moura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205095>

CAPÍTULO 6..... 85

ESTADO ACTUAL DE LA FAJA HIDRORREGULADORA DEL RÍO JUSEPE, YAGUAJAY, SANCTI SPÍRITUS, CUBA

Armando Falcón-Méndez


Daily Y. Borroto-Escuela
Ana Laura Acosta-Alonzo
Adilson Tadeu Basquerote

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205096>

CAPÍTULO 7..... 103

MAPEAMENTO DA COBERTURA E USO DA TERRA NAS ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE DO RIO MURIAÉ NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ


Anadelson Martins Virtuoso
Cláudio Henrique Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205097>

CAPÍTULO 8..... 116

GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA: O RESGATE DA INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO A PARTIR DO EXISTENCIAL “SER-EM” DE MARTIN HEIDEGGER


Luis Carlos Tosta dos Reis
Josimar Monteiro Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205098>

CAPÍTULO 9..... 135

BULLYING: A VIOLÊNCIA ESPACIALIZADA

Milena dos Santos Pereira
Clayton Luiz da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205099>

CAPÍTULO 10..... 143

RISCOS E PERIGOS EM PRAIAS DE ALTA ENERGIA

Jessyca dos Santos Araújo
André Luiz Carvalho da Silva
Letícia Fernandes Silva Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.04722050910>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 156

ÍNDICE REMISSIVO..... 157

CAPÍTULO 2

PESCADORES DE UBU E PARATI: O LUGAR, O TRABALHO E SUAS HISTÓRIAS

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 20/07/2022

Josilene Cavalcante Corrêa

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação
em Geografia da Universidade Federal do
Espírito Santo
Vitória – ES
<https://orcid.org/0000-0003-0241-7267>

RESUMO: Os estudos geográficos somados aos saberes das populações pesqueiras tradicionais têm sido fontes relevantes nos estudos sobre territorialidade e história dos lugares. O trabalho da pesca artesanal realizada por uma comunidade sediada no litoral sul do Espírito Santo será abordada a partir de entrevistas etnográficas e mapeamento participativo para recontar fatos relevantes de seu modo de trabalho na região tradicionalmente ocupada. Espera-se que o artigo contribua para o registro da história da comunidade no lugar, no sentido de propor políticas de desenvolvimento que considerem seu modo de vida à medida que empresas e a urbanidade avançam cada vez mais sobre seus espaços de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Pesca artesanal, comunidade tradicional, território pesqueiro, etnografia.

UBU AND PARATI FISHERMEN: THE PLACE, THE WORK AND THEIR NARRATIVES

ABSTRACT: Geographical studies added to the knowledge of traditional fishing populations have been relevant sources in studies on territoriality and the narrative about people and places. The artisanal fishing carried out by a community based on the south coast of Espírito Santo will be approached by means of ethnographic interviews and participatory mapping to retell relevant facts about the way they have been working on their originally occupied territory. It is hoped that the article will contribute to the recording of the community history in the place, in an effort to proposing development policies that consider their way of life as long as companies and urbanity increasingly advance on their work spaces.

KEYWORDS: Artisanal fishing, traditional community, fishing territory, ethnography.

1 | INTRODUÇÃO

A caracterização das comunidades pesqueiras artesanais torna-se cada vez mais necessária em decorrência da redução de territórios pesqueiros ou da impossibilidade de uso de espaços litorâneos tradicionalmente ocupados para o exercício da pesca.

As crescentes dificuldades de perpetuação do trabalho pesqueiro artesanal se intensificam principalmente a partir das décadas finais do século XX, quando atividades urbano-industriais se expandem latitudinalmente

pela costa brasileira e passam a competir com comunidades tradicionais historicamente ocupantes destes espaços antes remotos (ALVARENGA, 2010, KNOX; TRIGUEIRO, 2015).

Acrescenta-se à problemática, a formulação e a aplicação de leis que restringem certas práticas tradicionais, afetando conseqüentemente as condições básicas para a reprodução do modo de trabalho originário deste perfil de grupo social (BRASIL, 2009; MARINHA DO BRASIL, 2003; ESPÍRITO SANTO, 2006).

Este cenário aqui descrito caracteriza a comunidade em estudo: os pescadores artesanais de Ubu e Parati, habitantes do município de Anchieta, no Espírito Santo. O cenário acima descrito reforça a importância de se registrar as raízes histórico - culturais da comunidade, bem como os saberes acerca do pescado da região (LIBRES, 2011; MATTOS, 2006).

O fato é que há muitos povos tradicionais com escassez de registros sobre sua existência e práticas territoriais. Desse modo, a perspectiva é que o material produzido corrobore com políticas de desenvolvimento local que reconheçam sua territorialidade, suas demandas e cultura.

As principais ferramentas utilizadas na obtenção de dados primários sobre os pescadores foram a aplicação de entrevistas etnográficas e elaboração de cartografia social com pescadores registrados na Associação de Pescadores Artesanais de Ubu e Parati.

Nesta primeira etapa, foi feito o mapeamento colaborativo com os entrevistados dos lugares historicamente ocupados para o trabalho pesqueiro.

Mapeamentos etnográficos são caminhos metodológicos estratégicos na compreensão da complexidade da vida social expressa em identidades que trabalham, vivem e circulam nas cidades (VAUGHAN, 2018). Assim como em Laura Vaughan (2018), a história é aqui usada como uma ferramenta fundamental no desvendar do modo de vida e de trabalho da comunidade em foco, os quais podem ser expressos cartograficamente, em alguma medida.

As entrevistas foram registradas com um gravador, guiadas por um roteiro semiestruturado e complementadas com anotações de caderno de campo, metodologias indicada por Ryan e Bernard (2000) e Harris e Brown (2010). As entrevistas tiveram uma amostragem representativa de 10% do grupo investigado para análise qualitativa (VENTURI, 2011)

Para a execução da técnica da Cartografia Social, foi levantado o território pesqueiro ocupado, de modo a produzir mapas por meio de coautoria entre grupo investigado e pesquisadora. Trabalhos de autores como Plantin (2014), Dias e Seixas (2020) e Vaughan (2018) reforçam o poder do mapeamento ao representar a lógica espacial da dinâmica dos sujeitos locais na relação com o meio herdado.

Numa terceira etapa, foi feita a Análise do Discurso no tratamento das informações obtidas nas entrevistas. As respostas foram interpretadas com o sentido do discurso, cuja linguagem tem um propósito que vai além da abordagem meramente descritiva (ORLANDI,

2 | A COMUNIDADE DE UBU E PARATI

A região de Ubu e Parati corresponde a um trecho que margeia o litoral do município de Anchieta, sul do Espírito Santo. Durante conversas informais e sondagens em locais públicos, notou-se um reconhecimento da identidade socioterritorial dos pescadores por parte dos outros moradores do bairro, onde se ouvem comentários do tipo “aqui é muito tranquilo, pois é uma antiga região de pescadores”.



Mapa 1: área de estudo.

Fonte: a autora em colaboração com os entrevistados (2020).

3 | O LUGAR DO TRABALHO

O trabalho da pesca representa a principal fonte de renda dos pescadores artesanais de Ubu e Parati (RAMOS; SILVA; ATAIDE, 2009). Tais dados podem ser reafirmados nos dados dos questionários aplicados para esta pesquisa (Tabela 1).

	PARTICIPANTES
Depende totalmente	14
Depende parcialmente	08
TOTAL	22

Tabela 1 - Dependência econômica dos pescadores de Ubu e Parati em relação à atividade da pesca.

Fonte: a autora (2018).

Mesmo sendo a pesca a principal fonte de renda dos pescadores, eventuais atividades informais, a exemplo de aluguel de casas ou quartos para turistas durante o verão, a venda em quiosques, a costura, o artesanato, e trabalhos domésticos, também contribuem para a renda dessas famílias.

	PARTICIPANTES
Possuem familiares que trabalham ou trabalharam em empresas prestadoras de serviços terceirizados à Samarco	13
Possuem familiares que trabalham na pesca	07
Possuem familiares que trabalham no comércio	04
Possuem familiares que trabalham no funcionalismo público	02
Possui familiar que trabalha na Samarco	02

Tabela 2 - Atividades profissionais dos familiares dos pescadores.

Fonte: a autora (2018).

Um dado importante a ser considerado é o fato de que praticamente todos os entrevistados já trabalharam ou possuem um familiar que já trabalhou ou trabalha para as empresas prestadoras de serviços da Samarco, uma empresa gigante na exploração mineral articulada a transporte marítimo.

Tais dados confirmam as pretensões de muitos pescadores sobre a carreira profissional que desejam aos seus filhos, conforme tabela abaixo.

	PARTICIPANTES
Incentiva os filhos a serem pescadores	08
Não incentiva os filhos a serem pescadores	14
TOTAL	22

Tabela 3 - Incentivo a sucessão quanto ao trabalho da pesca.

Fonte: a autora (2018).

Tais dados indicam a contradição entre os impactos causados pela empresa e a necessidade de ganhos salariais quer seja pelos pescadores ou pelos seus familiares.

Nota-se ainda um fator de cooptação por parte da empresa que, ao empregar mão de obra local, estabelece uma dependência que pode fragilizar a rede de contestação à empresa, apesar das críticas sobre as más condições de trabalho e perfil de empregos com baixos salários, onde atuam os habitantes do município de Anchieta (ATAÍDE, 2011).

	RENDA DO PESCADOR	RENDA FAMILIAR DO PESCADOR
Até um salário mínimo	03	02
De 1 a 2 salários	07	05
De 2 a 3 salários	11	14
De 3 a 4 salários	01	01
TOTAL	22	22

Tabela 4 - Renda mensal do pescador de Ubu e Parati e de sua família.

Fonte: a autora (2018).

A renda mensal individual do pescador com a pesca tem variado em torno de meio a três salários mínimos. Entretanto eles ressaltam que este valor não é contínuo, uma vez que a quantidade de peixe não apresenta uma constância ao longo do ano, sendo que isso é repetidamente associado (pelos entrevistados) à desestabilização do mar a partir da instalação e atividades da empresa Samarco (década de 1970) especialmente por ocasião de dragagens periódicas para manutenção da navegação. A partir de 2006, estudos geotécnicos realizados pelas empresas Petrobras e Vale foram realizados no litoral do município, o que segundo os pescadores, comprometeram a atividade pesqueira.

Os pescadores afirmam que antes da empresa o mar produzia ao longo do ano todo, tendo cada espécie seu momento específico de reprodução, conhecimento este adquirido em função dos longos anos de execução do trabalho da pesca.

A região litorânea de Ubu e Parati não é restrita ao usufruto destes pescadores. Pescadores de regiões adjacentes, a exemplo de do centro de Anchieta, de Mãe-bá e de Meaípe, também atuam nos pesqueiros ali existentes, validando a pluralidade de identidades e de usos coletivos do território simbólico descrito por Haesbaert (2004).

Para os pescadores artesanais é estratégico realizar as atividades de trabalho o mais próximo possível da praia por questões de segurança e de otimização de tempo, dentre outras facilidades provenientes da proximidade com a terra firme. Nas áreas mais distantes, denominadas de “por fora”, eles podiam também realizar atividades de pesca com linha, objetivando aumentar a produção ou a variedade do pescado, o que dependeria também do tipo da embarcação.

Relatos de pescadores mais velhos mostram que, antes da década de 1950, havia uma produção predominantemente voltada ao consumo local, o que nos traz ao encontro de Martins (1996) ao ressaltar a prioridade da produção de subsistência, quando retrata o

comportamento dos povos originários do Brasil. Vejamos a fala a seguir.

Antes da década de 50, meu avô pescava aqui mesmo e comercializava também por aqui, mas só que o comércio aqui era muito pouco. Não era aquele comércio igual tem hoje em qualquer lugar. Antigamente consumia aqui mesmo, trocava por banana, trocava peixe por farinha, coisinha assim muito pouco mesmo, ficava tudo por aqui mesmo na época do meu avô. (Pescador M, 81 anos)

Há falas de outros pescadores sobre a variedade da produção agrícola, a exemplo da jaca, lima, abacate, mexerica, cana, milho, banana, café, aipim, mamão, laranja, manga, cajá, mexerica e pitanga. Havia ainda a criação de animais, tais como galinha, peru, pato, cabrito, vaca e cavalo. Nessas histórias, há uma recorrência acerca da prioridade do autossustento, quanto ao objetivo da produção. Entre a rotina das tarefas cotidianas, misturavam-se as alegrias do lazer. Veja.

A gente tinha cabrito. Os pais arrumavam coisa além pra gente fazer, porque tinha a brincadeira, mas também tinha o serviço. Os pais botavam a gente pra correr atrás dos cabritos e a gente cercava (os animais) pra não deixar eles escaparem, era uma alegria pra gente, sabe. (Pescador T, 54)

Com o avançar do século XX, a produção voltada ao comércio passou a ganhar maior importância, em vista à intensificação da urbanização e dos novos valores e condições a ela atrelados. O fornecimento de pescado à capital Vitória se expandiu, havendo relatos que confirmam a venda do pescado para Guarapari e Vitória. A Vila Rubim e o Mercado da Capixaba eram os dois polos mais relevantes para se comercializar o pescado na capital.

A ampliação desse comércio deveu - se também à abertura de estradas e maior acesso e facilidade ao transporte nos anos de 1970. No entanto, a melhoria das condições e dos meios de transporte ainda assim conviviam com as tradicionais formas de transporte, seja no uso de barcos, de cavalos ou da própria força humana.

Quando a gente chegava da rede, já chegava e já vendia. Aqui tinha uma conserva que era um galpão com um caixote de madeira onde congelava o peixe, né! Cheio de gelo e pó de serra, que nem isopor tinha na época, onde colocava o peixe, para conservação do peixe fresco até que gelava aquele peixe e partia pra Vitória de carro. (...). Mas antes, na época dos portugueses, eles levavam de barco. A nossa equipe aqui levava de cavalo para o interior, no sal, ou senão na jubaia, que era um pau enfiado com peixe daqui até aqui, levados pra Anchieta, ou ia até Guarapari a pé, ou ainda andava a pé, 19 quilômetros até Guarapari indo pela praia pura. Era cansativo pra caramba. Uma vez eu fui com o meu pai e me arrependi, cheguei em casa quase morto! Meu pai era muito ligeiro, andava rápido pra caramba e eu cheguei quase morto em casa. (Pescador S, 53 anos)

Às atividades da pesca, associavam-se as atividades artesanais do preparo dos instrumentos de trabalho, as quais abrangiam a construção de barcos e redes, dentre outros instrumentos de captura de pescados e mariscos em geral.

O nosso barco era de 4 metros no máximo. No início era só de remo, na

minha época nos anos 50. Em 55 já tinha barco a vela e a motor também. Nós depois tivemos um barquinho a motor. Na época do meu pai os barcos eram mandados fazer. Nós chegamos a mandar fazer em Vitória e em Guarapari, mas também nos temos o construtor que mora aqui perto, ele é carpinteiro. (Pecador aposentado M, 81 anos)

O aprendizado do trabalho da pesca era geralmente feito em família (Foto 1), assim como a arte da manutenção e produção de seus utensílios de trabalho.



Foto 1 – Trabalho artesanal aprendido em família. Filho, mãe e pai lavam a rede de pesca.

Fonte: a autora (2013).

Algumas entrevistas revelaram que houve pescadores que aprenderam o ofício da pesca com colegas e com os mais velhos da comunidade (Tabela 4).

	PARTICIPANTES
Aprendeu com os pais ou avós	13
Aprendeu com outros membros da comunidade	07
Aprendeu com o cônjuge	02
TOTAL	14

Tabela 4 - Forma de aprendizado do trabalho da pesca pelos pescadores.

Fonte: a autora (2018).

O “saber e fazer” que envolvia a elaboração das redes de pesca é bastante curioso. Estas eram produzidas com matérias primas que não são mais usadas atualmente, a exemplo das espécies de plantas denominadas popularmente de *tucum* e *gravatá*.

Na época do meu avô, na verdade, até a época do meu pai aqui não tinha nada dessa rede (feita de nylon). Então quando meu pai foi fazer uma, eu observei e aí eu comecei a trabalhar com ele. (...) Na época deles, os materiais a gente tirava daqui da região mesmo, perto da lagoa de Ubu. Ou o tucum que era tirado na região de Belo Horizonte, aqui mesmo no município de Anchieta. O tucum ficava perto de lagoa e o gravatá era nativo (...) quer dizer, aquela que dá em qualquer lugar. Tinha bastante mesmo. Cheguei a usar o gravatá e o

tucum junto com meus pais, agora o tucum tinha melhor preferência porque era mais resistente. (Pescador M, 81 anos).

O tratamento do gravatá consistia no processo de coleta de um tipo de planta, a união desta para a formação de maços e sua posterior imersão na Lagoa Azul durante aproximadamente uma semana, ou como foi dito “botava de molho igual à mandioca e tinha que esperar apodrecer” (Pescador D, 58).

Após o processo de putrefação da planta, suas fibras eram limpas para dar início a uma outra etapa da confecção da rede, a qual consistia no preparo dos fios a serem unidos até alcançarem um nível de resistência considerável e comprimento suficiente. Este procedimento era feito em uma máquina artesanal chamada de “carrinho com fusos”. Dessa forma, associando o trabalho artesanal ao trabalho manual, os fios eram produzidos e posteriormente transformavam-se em redes feitas pelos pescadores que habitavam essa região, homens ou mulheres.

Num período aproximado de 60 dias, as redes eram produzidas e sua durabilidade média girava em torno de quatro anos. Esse trabalho era compartilhado pelos membros da família, independente do gênero, ou seja, as mãos se uniam assim como as pessoas se uniam para a execução do trabalho, sendo seus frutos compartilhados também por todos os seus componentes.

Quanto ao beneficiamento do tucum, este apresentava um procedimento bastante semelhante, exceto para a etapa da putrefação à beira da lagoa. A fabricação de uma rede dependia do tipo de pescado que se pretendia, daí surgiam diferentes tipos de rede, interferindo portanto no ajuste da grossura dos fios, por exemplo, a fabricação da *puçá*, que consiste num instrumento de pesca de camarão, demandava a elaboração de um fio mais delicado. “Era o tempo de correr atrás de camarão, usando *puçá*” relembra o pescador M de 81 anos e o Pescador N de 45 anos.

Agora a gente compra, né? Mas antigamente eu e meu pai fazíamos a *puçá* e eu e o meu irmão saíamos daqui pra apanhar camarão lá no Castelhana. Aqui pertinho não tem camarão porque aqui é o seguinte: se você botar um *balão (puçá)* pra pegar camarão o balão vai pegar na pedra e vai rasgar e não vai ter produção de camarão. Na verdade, aqui tem muito camarão e tem a lula também, só que na nossa região tem muita ponta de pedra, já lá no Castelhana é só lama com fundo liso e sem pedra. A *puçá* era feita do próprio tucum naquela época, ainda (...) ainda tem a *puçá* de siri que tinha que ser bem resistente senão, quando a gente tirava d'água, o siri tinha feito um buraco e não tinha produção.

A gente é que ainda faz as redes. A gente só compra o fio de nylon. Esse aqui é o nylon que eu te falei que apareceu depois. Mas antes do nylon, usava-se o fio de seda, o barbante e antes o tucum e o gravatá. O nylon é bastante resistente, mas ainda tem peixe que estoura esse nylon. Essa rede (mais grossa) também pega anchova, xaréu, com nylon de 0,1mm até 1,4mm. Já pra sarda é um nylon mais fino e menor com 0,5mm ou 0,6mm.

Como se pode observar, a disponibilidade de matérias - primas e suas condições

de uso estavam diretamente ligadas ao que o lugar oferecia, suprindo satisfatoriamente àquela Comunidade. O lugar lhes oferecia as condições necessárias ao autossustento, mas eram os saberes acumulados ao longo de gerações que os permitiam se apropriar de seus recursos naturais. O estar, sentir e viver intensamente o lugar os permitiam desenvolver sua percepção, a qual era aprimorada no dia-a-dia do habitar, do trabalhar e do se divertir (TUAN, 1980[1974]).

Dentre os conhecimentos provenientes dessa relação entre o grupo e meio ambiente, destacamos aqueles relativos à análise das condições climáticas para o exercício da pesca, conforme se pode observar nas seguintes entrevistas:

No verão o peixe malha mais na beira da pedra, já no inverno o peixe malha mais por fora. A gente mata muito peixe de tarrafa no verão: xixarro, galo e goibira. No tempo da sarda a gente podia comprar fiado, e dizia “amanhã eu tô com a rede em Aracapaba”, então eu podia comprar de manhã que a tarde eu pagava. Às vezes eram duas pessoas pra tirar peixe da rede. Tinha muito peixe mesmo. Agora, mês de janeiro, não, janeiro não era tão bom não, mas dezembro, fevereiro, março e abril era muito bom. Era muita sarda. Era tradição mesmo, as pessoas se envolviam mesmo era com a sarda. Outros peixes não tinham muito valor não! Anchova, xixarro não tinham muito valor não. Mas a sarda era mais valorizada na época, a não ser o robalo que era o nosso peixe mais caro. Sem contar que a gente tinha uma lagoa como escape, porque quando o temporal dava, a gente pescava na lagoa, agora acabou o robalo e a tainha. (Pescador A, 58 anos).

Havia ainda pescadores da região que migravam para outras regiões, para exercer a atividade da pesca industrial, evidenciando o princípio da fluidez territorial, ressaltada por Haesbaert (2004).

Eu com 16 anos de idade em 1950, ai eu sai fora daqui, deixei meus pais aqui. Primeiro eu fui pra Vitória, de Vitória eu fui pro Rio de Janeiro, depois eu fui pra Porto Seguro, depois eu fui pra Bahia, sempre trabalhando com a pesca. Ai eu aposentei em 86 e fiquei viúvo em 2007 e a vida continua. (...) Se eu sair daqui eu posso ir para Guarapari, pra Vitoria, pra qualquer lugar, bem tranqüilão.

Dentre as regiões de destino para o exercício do trabalho da pesca, destacou-se o arquipélago de Abrolhos, localizado no litoral sul da Bahia, pois na região há barcos que realizam lá o trabalho pesqueiro, usando mão de obra da Comunidade.

Trabalhei durante dois anos indo pra Abrolhos direto, mas a experiência foi ruim, porque eu ficava muitos dias fora de casa e ganhava pouco. Sabe, quando você sai da terra e vai pro mar, nossa (suspiro) dá uma tristeza tremenda! Depois eu vi que aquilo não era pra mim e decidi ficar por aqui mesmo. (Pescador J, 29 anos)

Os pescadores que já migraram para outras regiões a fim de continuar exercendo o trabalho da pesca afirmam ter como perspectiva o aumento dos ganhos financeiros, pois tinham a expectativa de que o trabalho na pesca empresarial lhes proporcionaria maiores rendimentos que a pesca artesanal, resultado este que não foi obtido por todos aqueles

que se aventuraram. Eles ainda argumentam que não tinham o desejo de sair do lugar, afirmando que se houvesse uma empresa de pesca na região, não haveria necessidade de ficar longos períodos distantes da família, pois lá havia muito peixe.

Além das longas jornadas de trabalho, as quais podiam variar de quatro dias a quatro semanas, ouviram-se também relatos acerca das difíceis condições de trabalho às quais os trabalhadores eram submetidos na pesca empresarial, tendo muitas vezes sua saúde comprometida.

Algumas pescadoras relataram ainda que quando os maridos se ausentavam por semanas, elas próprias pescavam o alimento, especialmente por meio da mariscagem de sururus ou da pesca na lagoa de Ubu.

Quando os nossos maridos viajavam pra longe e ficavam muitos dias, assim fora, a gente mesmo ia ali rapidinho, pegava peixe na lagoa, pegava sururu, trazia e já tinha comida pra dentro de casa! (Pescadora H, 61 anos)

Para aqueles sujeitos que optavam em viver da pesca local, desenvolveram-se peculiares práticas de territorialização, com o intuito de melhor usufruir dos recursos existentes por meio do estabelecimento de uma forma de controle da distribuição dos espaços, considerada mais democrática. Esta estratégia de organização territorial comunitária era denominada de *sistema de lances de pesca repartidos* ou simplesmente *lance repartido*, sendo este, uma forma de distribuição de espaços individualizados de pesca.

Todos os pescadores de Ubu e Parati apropriavam-se de cada lance de acordo podendo ser feito uma sequência de redes amarradas denominadas de *cordão*, estrutura esta pertencente a vários pescadores.

Atualmente, os principais instrumentos de trabalho utilizados na pesca são os barcos de propulsão manual, chamados de caícos, além de barcos maiores de motor, denominados de baiteiras, com capacidade de até 20 toneladas. Os outros instrumentos são as redes de pesca, as linhas, o pote, a tarrafa, a puçá, a gaiola, a cavadeira, espinhel, garateia dentre outros (Quadro 1).

INSTRUMENTO	DESCRIÇÃO
<i>Caíco</i>	Barco de propulsão manual, também conhecido como barco a remo com 3 m de comprimento, com capacidade para 500 kg brutos.
<i>Baiteira</i>	Barco a motor, o qual varia entre 6 a 10 metros de comprimento e com capacidade que varia de 4 a 20 toneladas brutas.
<i>Rede de espera</i>	Rede a ser instalada em um lugar fixo para capturar peixes ao longo de um dia, sendo retirada apenas no dia seguinte.
<i>Rede de fundo</i>	Rede usada para capturar peixes no mesmo dia.
<i>Linha</i>	Usada na captura individual do pescado.
<i>Pote</i>	Cano de PVC com aproximadamente 40 cm de altura e 15 cm de raio usado na captura do polvo.
<i>Tarrafa</i>	Usada na captura de lagosta e siri.
<i>Puçá</i>	Rede de pesca de malha melhor usada na captura de camarão e siri.
<i>Gaiola ou covo</i>	Usada para capturar peixes menores que servirão de iscas para a pesca de espécies maiores.
<i>Cavadeira</i>	Cano longo de metal ou madeira usado para arrancar o sururu da pedra onde ele se reproduz. É geralmente usado com um balde de plástico comum para armazenamento do marisco coletado.
<i>Espinhel</i>	Grande quantidade de anzóis unidos em vários pontos apropriados.
<i>Garatêia</i>	A garatêia é um instrumento de ferro ou madeira usada na fixação das redes em terra firme, no mar ou em rochas.
<i>Cordas</i>	As cordas servem para manter estendido o cordão do lance, substituindo portanto uma rede de pesca, caso esta precise ser retirada.

Quadro 1 – Principais instrumentos de trabalho utilizados na pesca.

Fonte: Organizado pela autora (2014).



Foto 2 – embarcações locais que variam de 3 a 14 metros.



Foto 3 - Rede de espera em primeiro plano e rede de fundo em segundo plano.



Foto 4 - Pote, instrumento de captura de polvo.



Foto 5 – Gaiola ou covo: instrumento usado na captura de iscas para pesca.



Foto 6 – Balde e cavadeira.



Foto 7 - Garateia e cordas.

Fonte: a autora (2013)

Outro dado a ser considerado é que o tamanho do barco torna-se importante fator no processo produtivo, interferindo nas condições de captura do pescado, conforme o seu tamanho, assim como o fato do pescador possuir ou não uma embarcação própria e outros equipamentos, como pudemos constatar na relação entre a renda e aspecto de algumas residências no subcapítulo anterior. Veja a tabela a seguir.

	PARTICIPANTES
Possui barco de remo	13
Possui 1 barco de remo e 1 a motor	04
Não possui barco próprio	05
TOTAL	22

Tabela 5 - Situação em relação à embarcação.

	PARTICIPANTES
Possuem rede de espera, rede de fundo e linha	12
Possuem balde e cavadeira	07
Possui rede de espera, rede de fundo, linha e espinhel	03
TOTAL	22

Tabela 6 – Principais instrumentos de trabalho.

Fonte: a autora (2018).

As políticas do Governo Federal têm interferido nas mudanças nas formas de uso e na escolha dos utensílios a serem usados na atividade da pesca a exemplo da substituição do uso do fio de seda pelo fio de nylon. De acordo com alguns pescadores, a alteração do uso do fio de seda para o fio de nylon foi promovida por uma política do governo federal que determinou a supressão do uso do primeiro.

Antigamente se utilizava a rede de nylon de seda, mas há uns quatro ou cinco anos atrás, o Governo Federal andou comprando as redes de seda para nós não usarmos mesmo. Ele (governo) pagou o pescador para recolher aquilo (rede). (Pescador S, 53 anos)

O Governo Federal, na figura do IBAMA (2010) argumentou que a rede “de seda” ou polietileno, além de ser mais onerosa, danificava os corais. As redes foram então recolhidas por meio de compra, pois os pescadores na maioria das redes só usavam o nylon, uma vez que este material apresenta mais durabilidade que o fio de seda.

Mas é importante assinalar que estes novos elementos modificam a arte ligada a produção de barcos e redes de pesca que também constituem uma fonte de renda para os pescadores, pois aqueles que os produzem, os vendem a outros pescadores. Se por um lado reduziu-se a fadiga na confecção das redes, contudo perde-se um elemento artesanal importante.

Poderia-se pensar que o cenário da pesca atual fosse mais promissor no que tange à infraestrutura existente para armazenar e escoar o pescado, distanciando-se daquele de seus ascendentes de meados do século passado, pois há tecnologia para viabilizar o transporte do pescado para sua comercialização, armazenamento frigorífico e a possibilidade de ampliar a exportação. Entretanto, esses pescadores afirmam que ainda não dispõem de infraestrutura para ampliação da melhoria das condições de trabalho. A construção de um atracadouro na região de Ubu é exemplo de uma antiga demanda que, segundo os pescadores, traria vantagens no comércio de pescado.

Segundo os entrevistados, as dificuldades de melhorias das condições de trabalho desses pescadores são, em parte, atribuídas à insistência em priorizar as políticas desenvolvimento do setor industrial, mais especificamente aquelas relativas à produção siderúrgica e petrolífera, políticas essas altamente impactantes para a sociedade e para o meio ambiente. Isso pode ser observado no Plano ES-2025 quando prioriza os segmentos

provedores de mercadorias de peso na balança de exportação brasileira e exclui modos de economia alternativos que proporcionam certa independência e maior de sustentabilidade ambiental.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as entrevistas, observa-se a nostalgia daqueles que descreveram a importância do lugar na sua história, no mesmo tempo em que recontavam seu próprio passado, atribuindo-lhe um valor inestimável. Do mesmo modo, são observados sentimentos de indignação e incerteza diante do direito de uso dos espaços litorâneos ocupados há gerações.

A formação zona de tensão teve como marco inicial a instalação da indústria Samarco nos anos de 1970, e já no século atual, a elaboração de projetos de expansão portuária das empresas Petrobras e da Vale, afetando definitivamente as territorialidades pré – existentes e, conseqüentemente, a possibilidade de uso do mar para a pesca artesanal.

O artigo relatou apenas uma parte da história da comunidade no lugar, além das diversas e contínuas lutas pelo território pesqueiro à medida que empresas e a urbanidade avançam cada vez mais sobre seus espaços de trabalho. É urgente que esta e outras histórias sejam registradas e recontadas.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Andréa Curtiss. **Reflexões sobre as consequências da implantação de grandes empreendimentos no município de Anchieta- ES**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós - Graduação em Arquitetura e Urbanismo-PPGAU. Ufes, Vitória, 2010.

BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de jun. de 2009. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 30 jun. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

DIAS, A. C. E.; SEIXAS, C. S (ed.). Conhecimento ecológico dos pescadores de Tarituba: uma contribuição empírica à Gestão da pesca com enfoque ecossistêmico. In SEIXAS, C. S; VIEIRA, P. F.; MEDEIROS, R. P. **Governança, conservação e desenvolvimento em territórios marinhos-costeiros no Brasil**. RiMa Editora: São Carlos, 2020. P. 265-290.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. **Plano de Desenvolvimento Espírito Santo 2025**. Agosto de 2006. Disponível em: <http://www.espiritosanto2025.com.br/>. Acesso: 15 de fev. 2020.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “Fim dos Territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro, Bertrand, 2004.

HARRIS, LOIS R.; BROWN, GAVIN T. L. Mixing interview & questionnaire methods. **Practical Assessment, Research & Evaluation**, V. 15, no 1, p. 1-19, jan. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE E DE RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). 2010. Recursos **Pesqueiros**. Disponível em <http://www.ibama.gov.br/institucional/recursos-pesqueiros>. Acesso: 1 jun. 2019.

KNOX, W.; TRIGUEIRO, A. A pesca artesanal no litoral no ES (Capítulo 1). In: KNOX, W; TRIGUEIRO, A. (orgs.). **Saberes, narrativas e conflitos na pesca artesanal**. Edufes, Vitória, 2015. P. 17-50.

LIGA BRASIL DE RESPONSABILIDADE SÓCIOAMBIENTAL/LIBRES. **Cartografia Socioambiental Ubu-Parati**. Cartilha. Anchieta, 2011.

MARINHA DO BRASIL/ DIRETORIA DE PORTOS E COSTAS. Normas da autoridade marítima para tráfego e permanência de embarcações em águas jurisdicionais brasileiras-NORMAM-08/DPC. 1ª Revisão. **Capítulo 3 - Tráfego de Embarcações - Seção II - Informações Sobre o tráfego 0312 - Restrições à Pesca e à Navegação**. 2013.

MARTINS, J. de Souza. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira In: **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 8(1): 25-70, maio de 1996.

MATTOS, Sonia Missagia. **Anchieta Nosso Patrimônio**. Editora da UCG. Goiânia, 2006.

MINISTERIO DAS COMUNICAÇÕES. **Inclusão Digital**. 2011. Disponível em < <http://www.mc.gov.br/inclusao-digital/acoes-e-programas>> Acesso em 12 ago. 2013.

MINISTERIO DA PESCA E AQUICULTURA. **Boletim Estatístico da pesca no Brasil-2010**. Brasília, fev. 2012.

MINISTERIO DA PESCA E AQUICULTURA. **Código de Pesca - Lei 11959/09**, 2013. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/index.php/pescampa/apresentacao>. Acesso: 6 jun. 2021.

ORLANDI, E. de L. P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Língua(gem)**, v. 1 n. 1, 2005.

PLANTIN, J. **Participatory mapping**. New Data, New Cartography. London; ISTE, 2014.

PORTUGUEZ, A. P. **Desarrollo local y estrategias de supervivencia de las comunidades de pescadores del litoral norte del estado de Espírito Santo**. Tesis de Doctorado. Universidad Complutense de Madrid. Departamento de Geografía Humana. Madrid. 2010.

RAMOS, M. H. R.; SILVA, A. I. da; ATAÍDE, S. G. (org.) **Desenvolvimento local, saúde e meio ambiente: o impacto dos grandes Projetos em Anchieta/ES, na Região Metropolitana da Grande Vitória e em Macaé/RJ**. EMESCAM, Vitória-ES, 2009.

RYAN, G. W.; BERNARD, H. H. Data management and analysis methods. In Norman K. Denzin. Yvonna S. Lincoln (ed.). **Handbook of qualitative research**. Second Edition. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 2000. P. 769-802.

ATAÍDE, Soraya Gama de. **Capital, trabalho, saúde e meio ambiente: uma relação destrutiva analisada em uma indústria de pelotização**. Tese de Doutorado em Serviço Social. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2011

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. Um Estudo de Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. DIFEL, São Paulo, 1980 [1974].

VAUGHAN, L. **Mapping Society**: The Spatial Dimensions of Social Cartography. UCL Press, 2018.

VENTURI, L. A. B. Técnicas de Interlocução. In VENTURI, L. A. B. (org.) **Práticas de Campo, Laboratório e Sala de Aula**. Sarandi. São Paulo, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Água 13, 23, 51, 55, 57, 81, 103, 104, 105, 106, 110, 114, 127, 145, 148, 149
Ambiente 4, 5, 12, 13, 15, 24, 28, 30, 31, 33, 48, 50, 53, 54, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 83, 103, 109, 113, 114, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151
Análise 1, 3, 5, 8, 10, 11, 17, 24, 30, 34, 36, 41, 43, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 69, 70, 76, 78, 79, 82, 83, 84, 103, 105, 113, 120, 122, 127, 131, 147
Aprendizagem 7, 9, 141, 156

C

Cidadania 14, 136
Cidade 9, 10, 14, 133
Conhecimento 8, 12, 20, 29, 34, 47, 73, 77, 78, 114, 134, 139
Contexto 4, 6, 8, 35, 68, 70, 73, 81, 87, 119, 129, 137, 138, 140, 141
Costeira 58, 144, 145, 146, 155

D

Desenvolvimento 5, 7, 8, 10, 13, 16, 17, 28, 29, 30, 32, 36, 52, 68, 76, 81, 103, 107, 123, 125, 130, 138, 156
Dinâmica 17, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 82, 114, 123, 133, 144, 147

E

Educação 1, 6, 7, 12, 13, 48, 71, 81, 83, 134, 137, 140, 144, 150, 156
Ensino 7, 10, 71, 134, 136, 141, 142, 156
Escola 6, 7, 12, 69, 135, 136, 139, 140, 141
Espaço 2, 3, 4, 5, 12, 13, 14, 76, 77, 82, 83, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 145
Estudo 5, 7, 15, 17, 18, 31, 32, 35, 38, 41, 51, 53, 55, 59, 69, 71, 73, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 105, 106, 108, 110, 136, 142, 147

F

Fonte 18, 19, 20, 22, 26, 27, 28, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 75, 78, 108, 109, 118, 123, 128, 136, 146, 149, 152, 153
Formação 4, 23, 29, 34, 39, 43, 80, 122, 136, 140, 143, 145

G

Geografia 1, 2, 3, 5, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 48, 70, 71, 73, 79, 83, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 143, 154, 156

Geotecnologias 32, 33, 34, 50, 51, 52, 68, 76, 78, 80, 81, 82

H

Heidegger 3, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Hidrografia 73, 74

Hidrográfica 47, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 84, 86

Humano 4, 5, 110, 116, 118, 121, 128, 130

I

Identidade 1, 2, 3, 5, 6, 12, 13, 18, 138

Importância 8, 17, 21, 29, 51, 73, 75, 76, 103, 118, 125, 138, 146

Investigação 1, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 13, 116, 117, 118, 120, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 132, 133, 134

L

Lugar 2, 3, 4, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 21, 22, 24, 25, 26, 29, 86, 88, 91, 94, 98, 126, 127, 128, 139, 140

M

Mapa 10, 18, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 52, 69, 74, 75, 77, 78, 88, 103, 111, 112

Metodologia 1, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 36, 53, 55, 71, 83, 103, 107

Município 1, 2, 5, 6, 7, 12, 17, 18, 20, 22, 29, 48, 73, 84, 103, 104, 105, 111, 135, 136, 137

O

Ondas 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152

Organização 25, 53, 72, 73, 79, 81, 82, 83

P

Pesquisa 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 32, 33, 36, 68, 69, 71, 75, 76, 81, 111, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 128, 131, 132, 135, 136, 137, 142, 156

Praia 20, 21, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

R

Relevo 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 80, 82, 103

Rio 5, 12, 13, 14, 24, 29, 30, 34, 35, 47, 48, 53, 58, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 103, 104, 105, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 134, 136, 142, 143, 154, 155

Risco 82, 124, 136, 141, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152

Rural 2, 6, 7, 47

S

Santos 1, 33, 47, 49, 71, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 134, 135, 143

SIG 33, 48, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 70, 71, 72, 75, 78, 82, 105, 107, 141

Sociedade 13, 28, 70, 73, 77, 78, 82, 103, 114, 119, 130, 136

Solo 34, 47, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 94, 97, 104, 106, 110, 113, 114

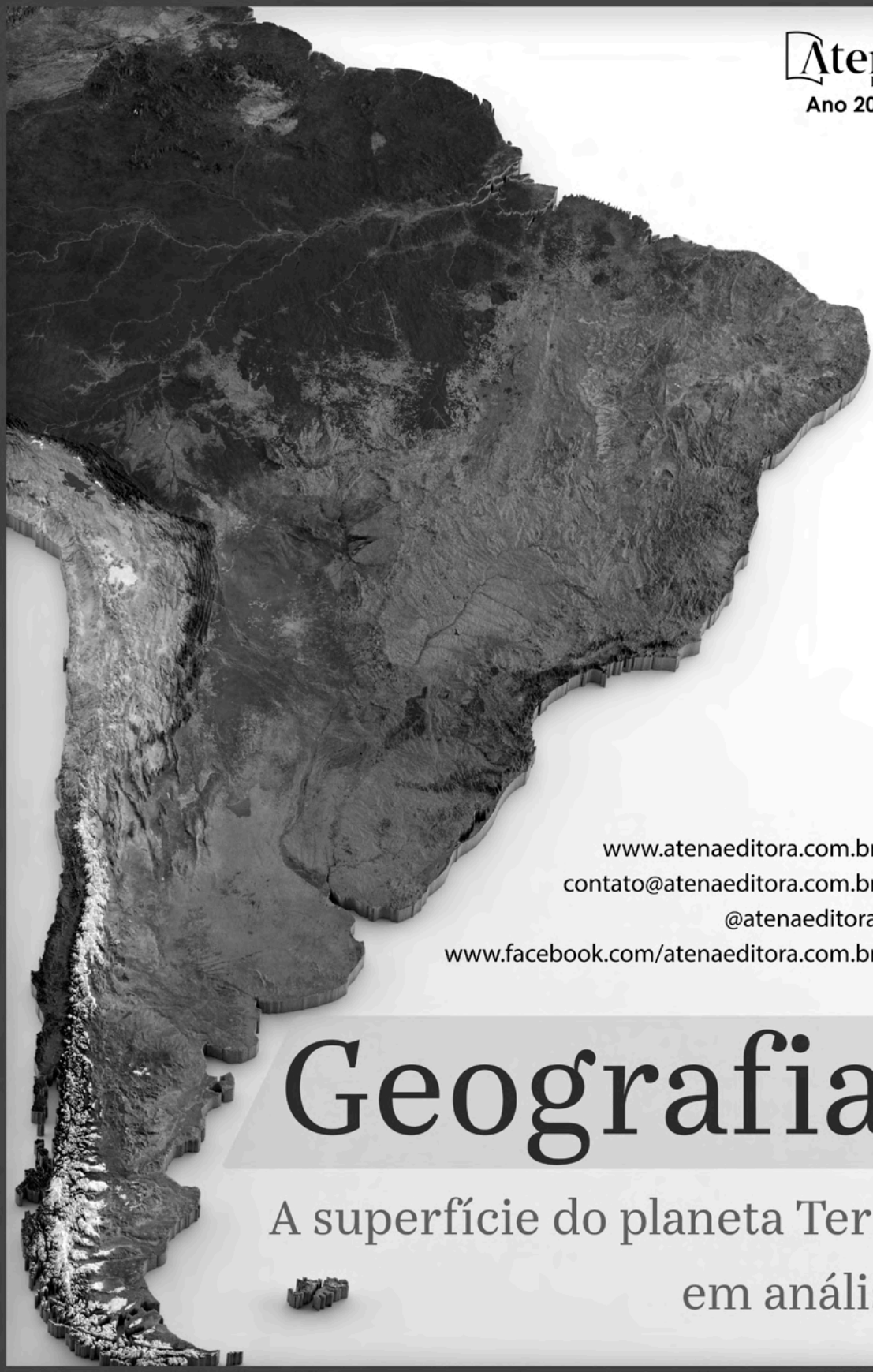
T

Terra 14, 20, 24, 26, 79, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 133

Trabalho 1, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 34, 50, 53, 54, 55, 57, 68, 73, 75, 81, 84, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 111, 114, 116, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 132


U


Uruguai 50, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia:


A superfície do planeta Terra
em análise






www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise